

A GUERRA PELOS OSSOS DE ABRAÃO

*Robert G. Wearnar**

Hebrom, em Israel, aparece nas notícias mundiais quase tão freqüentemente quanto Jerusalém. Um soldado israelita dispara contra a multidão em um mercado apinhado e fere civis inocentes. Um confuso médico israelita toma uma arma, entra em uma mesquita e abate 29 adoradores. Os palestinos desarmados somente podem responder atirando pedras. Por que toda essa comoção? Por que palestinos e judeus se odeiam? Há uma razão. Porque Abraão está enterrado em uma cova em Hebrom. Na cova de Abraão também se encontram sua esposa Sara, Isaque e Rebeca, bem como Jacó e Lia. Seus descendentes, tanto judeus quanto árabes, reclamam o direito exclusivo de proteger seus ossos. Assim, lutarão até a morte por tal privilégio.

Essa rivalidade não é nova. Os filhos de Abraão, Ismael (antepassado dos árabes) e Isaque (pai dos judeus), tiveram problemas desde o nascimento. Nem mesmo suas mães se davam (Gn 21:9-11)! No entanto, Ismael e Isaque puseram seus velhos rancores de lado, quando seu pai faleceu. Eles cooperaram no enterro de Abraão em Hebrom. O local da tumba foi a cova de Macpela, que seu pai havia comprado de Efrom, o heteu, quando Sara morreu (Gn 23). Mais tarde Isaque e Rebeca foram enterrados ali, bem como Jacó e Lia (Gn 49:29-32; 50:13).

A Cova da Contenda

Abraão escolheu um belo sítio para seu enterro. Hebrom se situa em uma montanha, a uns 900 metros de altura e a cerca de 32 km da atual Jerusalém. Abraão comprou as árvores junto com o sepulcro, o que sugere que costumava ser uma região de bosques (Gn 23:17).

Os artefatos religiosos revelam que a área encontra-se habitada desde três mil anos antes de Cristo. Contudo, a cidade só existiu a partir de 1720 a.C. Ora, essa cidade cananita só foi incorporada a Israel quando Calebe a capturou por ocasião da invasão hebréia. O rei Davi fez dela sua capital temporária antes de se mudar para Jerusalém. Eis outra razão por que os judeus continuam a venerar a cidade.

Os edomitas, isto é, os filhos de Esaú, controlaram a cidade durante séculos até que Judas Macabeu a devolveu às mãos dos judeus no séc. II a.C. O historiador Josefo, que viveu no tempo dos apóstolos, escreveu acerca dos monumentos dedicados aos antigos patriarcas que já se encontravam erigidos ao redor do velho sepulcro.

Aparentemente, em um esforço para ganhar o favor dos judeus, Herodes, o Grande, construiu um muro de enormes blocos de pedra para proteger o túmulo.

**Robert G. Wearnar*, ex professor de Teologia do SALT-IAENE.

Durante os primeiros séculos da era cristã, alguns judeus viveram em Hebrom. As ruínas de uma sinagoga do período bizantino assim o demonstram. Contudo, logo os cristãos erigiram uma capela no local. A partir daí, passaram também a reclamar o direito de guardar os ossos dos patriarcas.

Tudo isso mudou com a conquista árabe do séc. VII. Como descendentes de Abraão, os seguidores de Maomé alegaram o direito exclusivo de guardar seu sepulcro. Desde então, lutam para defender tal direito. Omar, o líder árabe, permitiu que os judeus construíssem uma sinagoga próxima à tumba, contudo a igreja edificada sobre o sepulcro foi transformada em uma mesquita. Exceto por um breve período durante as cruzadas, os árabes têm permanecido em controle da região até os dias atuais. Logo depois de expulsarem os cruzados da Palestina, os muçulmanos voltaram a transformar a capela em uma mesquita. A tumba de Macpela permanece, portanto, em sua possessão. Em 1277 os governantes muçulmanos decretaram que os judeus não mais poderiam entrar no sepulcro. Tal decreto foi cumprido à risca por quase setecentos anos. Uma comunidade judaica manteve uma sinagoga em Hebrom durante o período otomano (1517-1917), contudo só podiam contemplar a sepultura à distância.

Depois da Primeira Guerra Mundial, os ingleses assumiram o controle da cidade. No final de seu domínio, Hebrom chegou a ser parte da Jordânia. Em um ataque relâmpago, as tropas israelitas ocuparam a cidade na chamada Guerra dos Seis Dias, em 1967. Assim, Hebrom chegou a fazer parte dos territórios ocupados na Margem Ocidental. Pela primeira vez em sete séculos, os judeus obtiveram acesso ao edifício que cobre a sepultura de Macpela.

Em 1971, visitei Hebrom e entrei na mesquita. Encontrei os muçulmanos com suas cópias do Corão em uma área e os judeus com suas Torahs, em outra. Porém ninguém pode entrar no sepulcro propriamente dito. Espiei por uma fresta no chão, mas tudo o que divisei foi uma luz tênue. A tumba fica em algum lugar sob a superfície. Alguns eruditos duvidam que existam ali restos da era patriarcal. No entanto, a maioria crê que o local é autêntico.

Dentro da mesquita encontram-se seis cenotáfios em forma de sarcófagos em honra de Abraão, Sara, Isaque, Rebeca, Jacó e Lia. Estes têm a forma de grandes caixas cobertas com suntuosas telas tecidas. Através de tais monumentos os muçulmanos honram os seis indivíduos cujos restos repousam na tumba.

Quando os soldados israelitas assumiram o controle de Hebrom, colonos judios se mudaram para a cidade. Centenas fizeram aqui a sua residência contra a vontade da população árabe. Durante as três décadas desde 1967, esses grupos têm tido frequentes conflitos. Os dois lados alegam o direito de adorar sobre a tumba de Abraão e guardá-la.

Conselhos de um Patriarca

Atualmente, ainda que os soldados israelitas se tenham retirado da cidade, Hebrom e seu sepulcro continuam a ser o alvo de constantes conflitos. Contudo, caso Abraão estivesse vivo, provavelmente ficaria consternado por tais disputas entre seus filhos e filhas. Mantendo-se fiel ao caráter que a Bíblia lhe atribui, Abraão possivelmente lhes daria os seguintes conselhos:

1. *Procure viver bem mesmo com aqueles que se lhe opõem.* Seus pastores e os de Ló começaram a brigar pelas melhores pastagens, ao que Abraão disse ao sobrinho: - Não haja contenda entre mim e ti (Gn 13:8). Abraão deixou, então, que Ló escolhesse os melhores pastos.
2. *Nunca diga mentiras.* Abraão aprendeu, por experiência própria, que mesmo as mentiras brancas causam problemas entre os amigos (veja-se Gn 12:10-20; 20:1-16).
3. *Ore com a família.* A cada lugar que Abraão chegava, construía altares e conduzia os familiares à oração. Também ensinava aos filhos o dever de obedecer os mandamentos de Deus (Gn 12:7-8; 18:19).
4. *Torne-se um amigo de Deus.* Isto só é possível através da oração. Por isso, foi Abraão chamado de “amigo de Deus” (2Cr 20:7; Tg 2:23). Como podem os descendentes desse amigo de Deus matarem-se uns aos outros na cidade em que foi sepultado?
5. *Tenha fé em Deus!* Em cada sacrifício, mesmo no sacrifício de Isaque no Monte Moriá (Gn 22), Abraão via um símbolo do Redentor (cf. Jo 8:56).
6. *Procure ser uma bênção para os outros.* Abraão recordaria a seus descendentes que Deus lhe prometera que nele seriam benditas todas as famílias da terra (Gn 12:3).
7. *Mantenha sua visão fixa no alvo supremo da “cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial”* (Hb 12:22). Abraão e sua família deixaram um lar cômodo em Ur dos caldeus para testificar de Deus em Canaã, a encruzilhada das nações. Mesmo que seus descendentes ainda não tenham encontrado a paz na terra de seus pais, recordemos que Abraão “aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb 11:10).